A PERFORMATIVIDADE DO GÊNERO NO ESPETÁCULO SOFIA -35.

LOPES, Cleilson Queiroz
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
cleilson-lopes@hotmail.com

O presente artigo busca sublinhar características performativas na construção dramatúrgica do espetáculo autobiográfico Sofia -35[1], percebendo como os atos performativos se articulam na crítica de John Langshaw Austin sobre a linguagem, tendo como referência suas conferências publicadas com o título *Quando dizer é fazer* (1990), que se legitima como o início de uma reflexão sobre os atos da fala de grande importância. Seguindo esta premissa, busco articular como esta teoria vem se modificando a partir de um movimento dialético sobre a crítica de Austin, com o artigo publicado por Jacques Derrida *Assinatura, acontecimento, contexto* (1991) e sua análise do performativo no ato da escrita. As convergências e divergências entre o pensamento de Derrida e Austin foram imprescindíveis para a articulação da teoria de Judith Butler sobre a performatividade de gênero em seu artigo *Imitation and gender insubordination* (1993). As analogias, contrapontos e articulações da performatividade na ação, na arte, no teatro, na performance e na literatura, bem como na representação cotidiana são analisadas a partir do pensamento de Ana Bernstein em seu artigo *Atos da fala, representação teatral e teorias da performance* (2004) e dos estudos no âmbito da psicologia social de Erving Goffman em *A representação do eu na vida cotidiana* (2014). Por fim, relaciono os aspectos da performatividade que dialogaram diretamente com concepção dramatúrgica do espetáculo Sofia -35.

O artigo apresenta um percurso histórico sobre os atos de fala desde Austin até a performatividade de gênero de Judith Butler. Apresento aqui uma das conclusões possíveis:

A repetição como possibilidade de uma construção dramatúrgica:

O ato que me leva a conceber a dramaturgia autobiográfica do espetáculo, realizado na mudança de calçada, não é somente um ato de homofobia isolado, mas configura-se como a legitimação e a repetição de atos performativos anteriores a mim, realizados por homofóbicos e por uma sociedade heteronormativa, que impõem à travesti do interior do Nordeste um imaginário cruel entre a violência e o perigo. Uma repetição

[1] Monólogo autobiográfico no qual sou ator e dramaturgo, direção corporal de Paulo de Melo e direção vocal de Doriana Mendes. O espetáculo trabalha questões Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros - LGBT, com foco na vida de travestis e transexuais que saem do Nordeste para o Sudeste em busca de uma vida menos opressora. Como contraponto, narro a primeira vez em que vi uma travesti na vida, mudando de calçada na ocasião. Fomos contemplados com este Espetáculo nos Editais Comunica Diversidade e Intercâmbio e Difusão Cultural, ambos do Ministério da Cultura – MINC, no ano de 2015.

que cristaliza preconceitos infundados acerca das travestis e transexuais, que vem historicamente mantendo-as à margem e assegurando a violência e o homicídio destes grupos, que definitivamente não possuem o amparo das instituições de poder. Estas repetições sofrem rupturas visíveis no carnaval, onde a máscara, mais do que esconder, liberta as pessoas das moralidades que tornam os corpos desviantes. Mesmo o carnaval sendo uma exceção destas repetições, é pertinente perceber suas potências em se tratando da relação entre as travestis e os transexuais no Brasil.

Este ideário de repetição anterior a mim, serviu para que se legitimasse a minha mudança de calçada sem necessidade, ao passo que aquela travesti recebeu o ato de forma também naturalizada, como se não fosse a primeira vez. Pensando sobre este processo agora em 2016 e já em circulação com o espetáculo, acredito que algo em mim já ficava inquieto com este tipo de ação, do contrário esta memória em específico não me retornaria com tanta frequência. Talvez em razão da minha própria performatividade enquanto homossexual oprimido por uma heterossexualidade compulsória, ou mesmo o meu próprio conceito de alteridade sendo ampliado. O fato é que este ato se repete diariamente no cotidiano de praticamente todos os brasileiros. São recorrentes os relatos de mudança de calçada ao passar por uma travesti, um negro ou uma pessoa de boné na rua. Este talvez seja o ponto principal desta dramaturgia. Se eu performo no meu cotidiano o medo, o preconceito, o descaso, até que ponto seria eu artista, dramaturgo, homossexual, diferente de quem declara seu preconceito espancando uma travesti?

A repetição então, retorna ao espaço da cena, da construção teatral, primeiro para ser exposta, e em seguida problematizada, friccionada e criticada pelas palavras que se seguem, pelos gestos, pelos silêncios. O mudar de calçada experenciado pelo ator, neste sentido, retorna como uma lembrança evocada por Sofia, ao passo em que Sofia relata a violência que sofrera gratuitamente, enquanto o ator também sente toda esta agressão. Neste sentido, as repetições se hibridizam entre ator e personagem, transformando-se em um compilado outro de informações ao se deparar também com as repetições, referências e experiências da plateia.

Palavras-chave: Performatividade, teatro, Sofia -35, dramaturgia, linguagem.

REFERÊNCIAS:

- AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Trad. Danilo Marcondes Souza. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990.
- BERNSTEIN, Ana. Atos de fala, representação teatral e teoria da performance. Revista Folhetim no 20, julho-dezembro: Teatro do Pequeno Gesto, 2004, p 59-71.
- BUTLER, Judith. Imitation and gender insubordination. In.: ABELOVE, Henry; AINA B, Michèle; HALPERIN, David. The Lesbian and Gay Studies Reader. Routledge, New York, 1993, p. 307-320.
- CULLER, Jonathan. "Linguagem performativa". In.: CULLER, Jonathan. Teoria Literária – Uma introdução. São Paulo: Becca Produções Culturais Ltda, 1999. p. 95-106.
- DERRIDA, Jacques. “Assinatura acontecimento contexto”. IN: Derrida, Jacques. Margens da filosofia. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991a. P 349-373.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo 20. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- LOPES, Cleilson Queiroz. Sofia -35. Dramaturgia. 2014. Manuscrito inédito.
- Marcondes, Danilo. Textos Básicos de Linguagem - De Platão a Foucault. Editora Zahar (2014). epub, p.181-185.